

## SEROPÉDICA DE ITAGUAÍ

CARLOS GOMES FILHO  
Engenheiro civil e de minas

É interessante ao geógrafo-físico que sobrevoa a parte norte da nova Escola Nacional de Agronomia, na rodovia Rio — São Paulo, observar o íntimo paralelismo existente entre a serra de Catumbi, contraforte das Lajes e uma série de outeiros e serrotes isolados na sua parte meridional, que se estendem na direção nordeste, indo morrer pouco antes de atingir o rio Guandu.

No sentido de norte para sul, êles se desorientam e se abatem, tornando a região ondulada ou «madua», até se confundirem com a planície sedimentária, formando então extensos prados selvados.

Um daqueles serrotes é o conhecido por Palmital, pouco antes de atingir-se o antigo quilômetro 51. Na sua falda sul foram instaladas as usinas para a primitiva pavimentação asfáltica da rodovia, quando a estrada do Rio a São Paulo passava por Campo Grande. Porém, o mais interessante é estar a proteger aquêle serrote uma capela bem conservada com data de 1859, ao lado da qual majestoso solai parece ter abrigado várias gerações. É a sede da fazenda de Santa Teresa e do distrito de Seropédica, segundo do município de Itaguaí, cuja história está ligada à velha Imperial Companhia Seropédica Fluminense.

Consoante Moreira Azevedo, no seu livro «Pequeno Panoíama», foi o 2º marquês de Lavradio, D. Luiz de Almeida Portugal Soares Eça Alação e Silva Mascarenhas, quem mandou vir da Europa os bichos-da-sêda e cuidou da criação de amoreiras no país, portanto em época anterior a 1779.

No tempo do Império, em relatório feito e publicado pela «Ilustração Brasileira» n.º 1, de fevereiro de 1854, o capitão dos engenheiros, Antônio Pinto Mendes Antas, diz que a nossa primeira semente de amoreira proveio de Portugal, tendo sido plantada em Coacés, Província de Minas Gerais.

José Pereira Tavares, natural do Rio Grande do Sul, que se aprofundou em estudos de Sericicultura, discorda daquela data e é mais noticioso, dizendo ser fora de dúvida que as primeiras amoreiras introduzidas no Brasil datam do tempo de Dom João VI, que as fez plantar no Jardim Botânico e, talvez, mesmo enviasse para Minas Gerais outros exemplares, ainda no tempo de D. Maria I, falecida em maio de 1816.

Interessado pela indústria sericícola, êsse mesmo Tavares iniciou, na atual fazenda de Santa Teresa ou Caxias, a criação do bicho-da-sêda, fiação e tecelagem da mesma, tendo obtido autorização para tanto conforme os Decretos 342, de 22 de maio de 1844 e 388, de 13 de maio de 1846.